

APRESENTAÇÃO

O presente dossiê reúne alguns resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Programa de Estudos do Projeto Etnicidade, Região e Nação (Erena), financiado pela Capes. O Erena compõe um programa de estudos, que prevê o reforço de parcerias e cooperação científica intra e inter-regional entre grupos de pesquisadores associados a diversos programas de pós-graduação (Programa de Mestrado e Doutorado em História da UFG; do Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará; da Universidade Federal do Amapá; e da Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília).

O referido programa busca consolidar um conjunto de pesquisadores em um espaço de interlocução comum em torno de conceito e categorias, como: região, espaços transnacionais não-metropolitanos, cosmopolitismo não-metropolitano, variância do papel do Estado nos espaços regionais, processos de periferização e contraperiferização (isto é, de transformação em periferia e resistência local a essa transformação), duplo vínculo da nação e da região e processos de remodelagem das narrativas mestras da nação em narrativas locais e vice-versa. Com efeito, tradicionalmente, o estudo das regiões foi com frequência o apanágio da geografia ou da economia, ou então dos estudos literários.

Alguns dos artigos publicados no dossiê deste número de *História Revista* tratam de temas ligados às regiões de fronteiras. Essas regiões foram frequentemente negligenciadas ou então relegadas a estudos socioeconômicos, demográficos e político-sociológicos, vinculados a um

imaginário que se pretende hegemônico, e que as define muitas vezes como “atrasadas”, “marginais” ou mesmo “decadentes. Tais regiões se mostram muitas vezes a partir desse imaginário, como portadoras de um déficit qualquer – de nacionalidade, de desenvolvimento, de “civilização” – com relação às regiões pensadas como centrais à nação.

As fronteiras, tal como vemos nos artigos apresentados no dossiê, formam espaços transnacionais, um laboratório de observação privilegiado para a formulação de novos temas e perspectivas até agora negligenciados, na medida em que fogem ou extrapolam os paradigmas de civilização baseados na idéia da nação construída a partir de um centro, como espaço de máxima densidade identitária e civilizatória. Podem, por exemplo, ser um local para observar as etnicidades em surgimento, as situações identitárias, para compreender melhor o que significa centralidade (dentro do idéario do Estado-nação) e, no limite, para dissolver a relação centro–periferia tão acentuada nos estudos pós-coloniais. Os saberes e pensamentos das regiões seriam possivelmente menos hegemonzados e, portanto, menos subalternos.

As fronteiras norte do Brasil com a Guiana Francesa, com o Suriname e a Guiana formam espaços transnacionais não-metropolitanos. São espaços atravessados por mercadorias, saberes, fluxos migratórios, costumes e tradições compartilhados, além de práticas econômicas e religiosas comuns. São espaços que forjam comunidades imaginadas através de espaços interlocutórios comuns, isto é, comunidades que se imaginam através dos mesmos referentes ou *topoi*. Em outros termos, há vários itens repertoriais comuns dentro de um temário pelo menos parcialmente compartilhado. São espaços transnacionais com estas características: o espaço transnacional das Guianas (Brasil, Venezuela, República da Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Trinidad e Tobago); as Grandes Antilhas (Cuba, Jamaica); o espaço transnacional da costa norte venezuelana e colombiana, das ilhas holandesas do ABC (Aruba, Bonaire e Curaçau) e Trinidad e Tobago; os espaços transnacionais de Cuyo e Nor-patagonia (Argentina e Chile); os espaços transnacionais entre Brasil e Bolívia; entre Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai; e, finalmente, entre Argentina e Bolívia.

O artigo de Giovani Silva trata da presença de índios Kamba em Corumbá. Toma como ponto de partida da reflexão a presença de populações indígenas em fronteiras, a trajetória histórica dos indígenas

Kamba na fronteira Brasil-Bolívia. Em um diálogo entre a História e a Antropologia, considera o desenvolvimento histórico das identidades assumidas pelos Kamba a partir de suas particularidades, em uma perspectiva situacional. Alexandre Martins trata de *coolies* e negros em Trinidad, discutindo o relacionamento entre comunidades de indianos e afro-descendentes, duas populações que coexistiram sob uma tensa atmosfera envolvendo todo o tipo de construção de estereótipos. O autor ressalta a existência de espaços culturais de negociação construídos por meio de circunstâncias de “estágios liminares”, dentro de “jornadas”, nas quais pessoas de diferentes culturas podem, temporariamente, perceber um ao outro despojados de *status* social. Ligia Simonian e Rubens S. Ferreira, em seu artigo sobre os imigrantes brasileiros na Guiana Francesa, discutem o fornecimento de mão-de-obra, em geral pouco especializada, para trabalhar nesse Departamento Ultramarino Francês, ressaltando as situações adversas, marcadas por processos discriminatórios, violências diversas e decepções vividas por essas populações. José Maria Silva, ao analisar as relações transnacionais na fronteira Amapá–Guiana Francesa, focaliza o processo de migração e constituição de relações sociais na cidade de Oiapoque. Mostra a importância crescente daquela cidade nas relações internacionais, a crescente presença de turistas franceses, as transações comerciais entre guianenses e brasileiros e as ações de cooperação entre os governos do Brasil e da França. Finalmente, o artigo da professora Rita Segatto trata, de forma teórico-conceitual, de questões que envolvem o espaço, o território e o lugar.

Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha
Organizador do dossiê e coordenador
do projeto Etnicidade, Região e Nação (Erena)